Boletim Informativo

Janeiro/Junho 2009 Distribuição Gratuita

companhia de dança contemporânea



O regresso da C.D.C.

ANGOLA

Nº1

Editorial

Este é o primeiro número do Boletim da Companhia de Dança Contemporânea de Angola, com o qual daremos ao público a oportunidade de conhecer e acompanhar, semestralmente, as actividades e projectos desta Companhia de Dança, pioneira do profissionalismo em dança na República de Angola.

Sendo a dança contemporânea um campo tão extenso e tão presente no plano da dança a nível mundial, no nosso país ela tem ainda reduzida expressão quer a nível da divulgação, quer a nível da sustentação de um discurso teórico, científico e técnico sobre a dança em geral. Este facto tem redundado na generalização de um discurso desfigurado sobre esta área do saber.

Neste contexto, este boletim incluirá notícias sobre eventos de dança relevantes em Angola e no mundo, bem como artigos sobre temas ligados a esta forma de expressão.Para se inverter a actual situação do nosso país, onde a desinformação contribui para que não exista uma noção exacta do que é a dança e ou os contextos em que se move, é fundamental a discussão sobre um conjunto de conceitos, definições e pressupostos, o que tencionamos fazer através deste Boletim Informativo.

Actividade de motricidade exclusivamente humana, cujo elemento de sustentação é o movimento corporal e onde existe sempre uma intenção de comunicação, há muito que a dança derrotou a bolorenta e redutora fórmula de que se trata de "uma arte que expressa emoções e sentimentos através do gesto e da música", já que à mesma se reconhecem uma multiplicidade de abrangências. Descartando-se as teorias falidas sobre heranças genéticas e apesar da dança poder ser de forma mais ou menos informal, incorporada física e culturalmente pelos diversos grupos sociais que a praticam e divulgam a diversos níveis, não restam dúvidas que é à Escola que cabe a responsabilidade de fornecer as ferramentas reconhecidas universalmente como imprescindíveis para uma formação integral dentro das distintas áreas desta disciplina. Assim, por profissional deve entender-se aquele que se submeteu a uma aprendizagem académica diversificada, ou aquele que domina, pelo menos, uma técnica de execução (ainda que aprendida em situação não formal).

Propondo a todos os praticantes da dança em Angola o assumir de uma postura de maior modéstia, admitindo e reflectindo sobre as nossas fragilidades e procurando mecanismos para o melhoramento do nosso desempenho técnico, a CDC sustentará a defesa do profissionalismo em dança.

Só assim, dignificaremos a nossa dança, para que ela seja a verdadeira expressão de uma Angola nova e contemporânea que, mergulhando as suas raízes na ancestralidade, deve assumir o presente com olhos de um futuro sem medo.

Saudações Coreográficas!

COMPANHIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA DE ANGOLA

Directora Artística



Ana Clara Guerra Marques

Assistente de Direcção



Nuno Guimarães

Bailarinos



Adilson Valente



António Sande



Benjamim João



Divaldo Nunes



Zuni Kurty

Músicos percussionistas



Abraão Kumba



Cemi Diamoneka

Produtor Executivo



Jorge António

Gabinete de Divulgação e Imagem



Rui Tavares

Propriedade – Companhia de Dança Contemporânea de Angola (CDC)
Director: Ana Clara Guerra Marques
Coordenação: Jorge António
Fotografias: Rui Tavares (foto capa), José Pinto (Tonspi), Arquivo CDC
Grafismo: Rui Tavares
Colaboração: Filipe Zau, Rui Bráz, Carla Telésforo e Ricardo Dupret

Telefone: (00244) 926091954
Email: info@cdcangola.com
Web: www.cdcangola.com
Tiragem: 1000 ex

Uma estética do imaginário e da criatividade artística

Por: Filipe Zau
Músico e Compositor

Foi com enorme satisfação que, no passado dia 19 de Setembro, assisti a um projecto artístico multidisciplinar, que, inicialmente, decorreu na cidade do Namibe e que, agora, durante algumas semanas, irá estar em cena na Siexpo do Museu Nacional de História Natural. Um projecto que se impõe pelo seu elevado grau de inovação e criatividade, tal como a arte, digna desse nome, exige dos que se assumem operários de cultura e trabalham de forma séria e comprometida em prol da mesma.

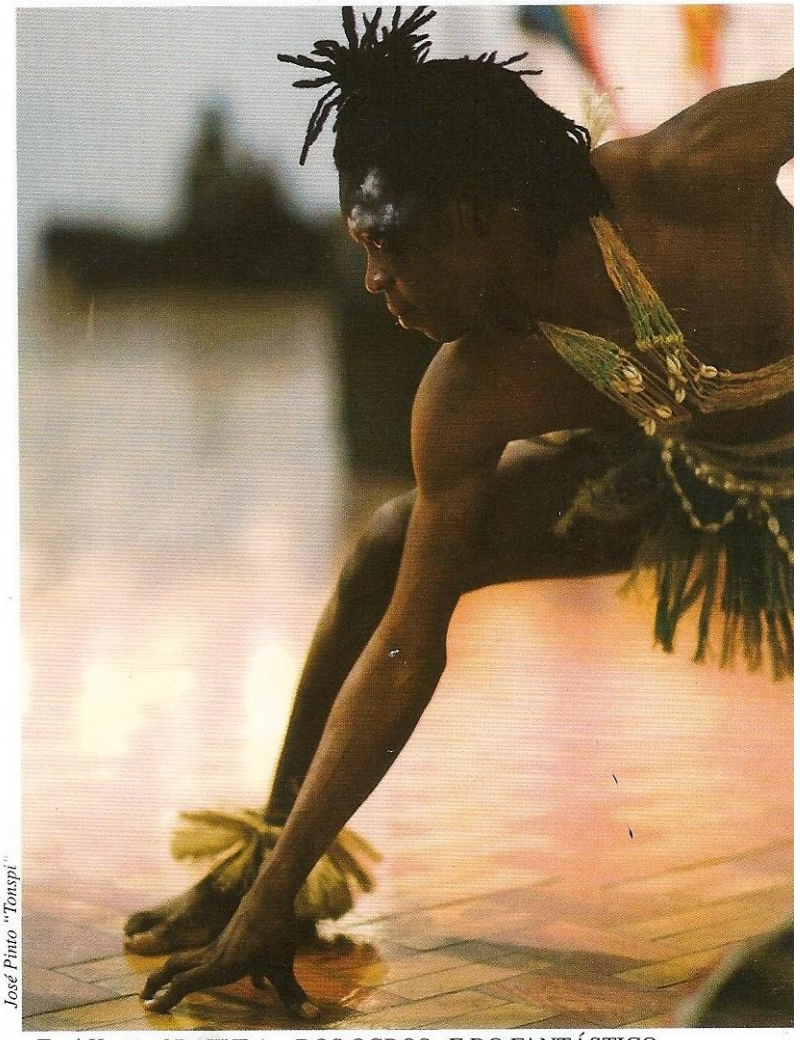
Sustentado pelo princípio da endogeneidade, Mário Tendinha exprime em telas gigantes e com elevado sentido estético, os medos que nos são transmitidos pela tradição oral e que representam o imaginário criativo do povo a que pertence, deixando-se, aparentemente, ele próprio, trespassar, através da recriação, pelos seus próprios "medos". Um mote que foi empaticamente incorporado por Ana Clara Guerra Marques, que, mergulhando em profundidade na plástica de Tendinha, coreografou magistralmente a fantasia dos "ogros", recorrendo a um grupo de actores-bailarinos bem caracterizados por Nuno Guimarães.

Cada "ogro" se desprende da tela e passa, por alguns largos momentos, a uma fase tridimensional de animação, para interagir com o público em dinâmicas exponenciais de linguagem corporal. Um público que se movimenta e passa a fazer parte de uma mesma actividade cénica, ao se misturar com percussionistas e bailarinos sem dar conta que, ele próprio, perante os intérpretes, passa também a ser produto de observação.

O som musical vem puro do grupo de kissanges de Victor Gama e do álbum "Lambarena", onde Pierre Akendengué funde a música clássica de Bach com a "clássica" música africana de cariz rural. Os ricos arranjos orquestrais, assentes na melodia e nos harmónicos dissonantes de Bach, se deixam interpenetrar por um misto rítmico de tambores, balafons, kissanges e vozes. Mais discreto, mas presente, surge o "clic" fotográfico de José Pinto transmitindo expressões místicas de cada um dos actores-bailarinos.

Valeu a pena? Se valeu! É sempre gratificante ver trabalhos, que pela sua originalidade e criatividade projectam a cultura do nosso País para um sentido ascendente. A tradição ao juntar-se à modernidade dá origem a novas sínteses culturais resultantes de um árduo trabalho de estudo e investigação, de que resultam novos conceitos estéticos com identidade própria. A cultura não é nem nunca foi estática. É dinâmica. O que é bom perdura e nunca nos envergonha. É o moderno de hoje que será tradição amanhã.

Na nossa ainda pobre comunidade artística há ainda muito a fazer e muito lugar para tudo e para todos. Há, no entanto, que, descomplexadamente, abrir espaços para o imaginário que existe em cada um de nós. Só assim se solta, do jeito que cada artista necessita, os "ogros" que existem em cada um de nós e nos inspiram.



José Pinto "Tonspi"

Zuni Kurty, ORATURA... DOS OGROS...E DO FANTÁSTICO...
(Um projecto de Mário Tendinha)

PINTURA: *Mário Tendinha*

PERFORMANCE COREOGRÁFICA: *Ana Clara Guerra Marques*

INTÉRPRETES: *Adilson Valente, André Baptista, António Sande, Armando Mavo, Benjamim João, Divaldo Nunes, Samuel Vilarinho e Zuni Courti.*

FIGURINOS E CARACTERIZAÇÃO: *Nuno Guimarães*

PERCUSSÃO: *Abraão Kumba, Cemi Diamoneka e Cirilo Kumba*

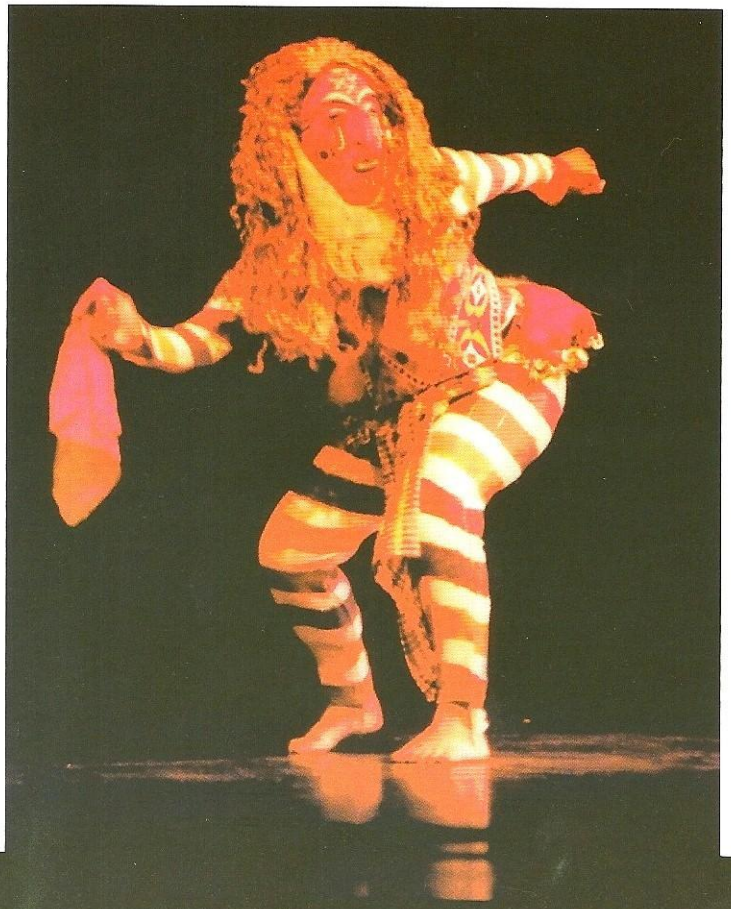
MÚSICA: *Victor Gama (do álbum Pangeia Instrumentos) e J.S. Bach / arranj. Pierre Akendengué (do álbum Lambarena – Bach to Africa)*

FOTOGRAFIA: *José Pinto "Tonspi"*

INFORMAÇÃO DETALHADA E FOTOGRAFIAS EM:
http://oratura.multiply.com

... E assim renasceu a Companhia de Dança Contemporânea de Angola.

O REGRESSO DA CDC

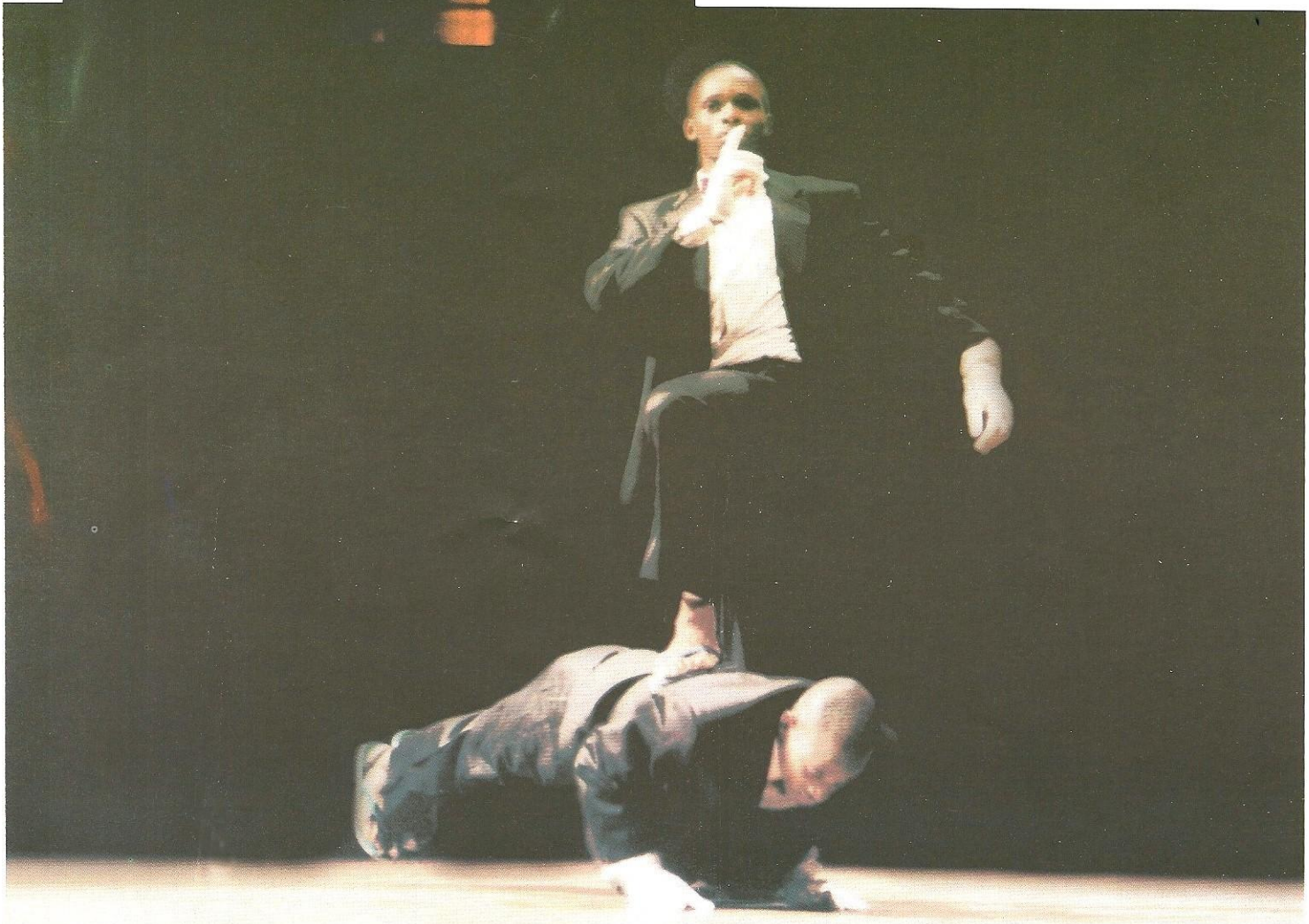


Rossana Monteiro, *Uma Frase Qualquer & Outras (Frases) (1997)*

Constituída em 1991 nas então estruturas do Ministério da Cultura sob a designação de Conjunto Experimental de Dança (CED) e integrada por profissionais angolanos formados dentro das técnicas e estilos de dança académica universais (professores e alunos de maior nível técnico da Escola Nacional de Dança), a COMPANHIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA DE ANGOLA (CDC) faz a sua estreia no Teatro Avenida, em Luanda, no dia 27 de Dezembro desse ano, com a obra "A Propósito de Lweji".

A designação deste colectivo (CED) – o primeiro de dança profissional do género em Angola e um dos primeiros em África a produzir dança contemporânea – para Companhia de Dança Contemporânea é oficializada a 9 de Abril de 1993 por despacho do Ministério da Cultura, mantendo-se os mesmos integrantes, objectivos e metodologias de trabalho.

Com o propósito de divulgar a dança contemporânea dentro e fora do país através da apresentação periódica e regular de espectáculos, em regime de temporadas, a CDC procurou diferentes vocabulários e novas linguagens, como forma de expressão, no âmbito da pesquisa



João Paulo Amaro e Carlos Silva, *Palmas, por favor!... (1994)*

e experimentação, surgindo assim uma proposta de revitalização da cultura de raiz tradicional e popular, pela utilização dos seus elementos na perspectiva da criação de novas estéticas para a dança angolana.

Com obras como "Corpusnágua"; "Solidão"; "1 Morto & os Vivos", "Introversão versus Extroversão" ou "5 Estátuas para Masongi", e com a intenção de tirar a dança dos palcos interiores dos teatros, a Companhia de Dança Contemporânea introduz, pela primeira vez, a utilização de espaços não convencionais como lugares com água, jardins, antigos locais de tertúlia ou galerias de arte, introduzindo os espectadores a novas formas e conceitos de espectáculo. Para estas criações trabalha em conjunto com alguns dos mais prestigiados escritores e artistas plásticos angolanos, entre os quais Manuel Rui, Artur Pestana "Pepetela", Frederico Ningi, Carlos Ferreira, Jorge Gumbe, Francisco Van-Dúnem "Van", Masongi Afonso e António Ole.

A utilização da dança como forma de intervenção, exprimindo e revelando aspectos inerentes ao homem enquanto cidadão do mundo e protagonista da cena social angolana, é outra das opções desta companhia como o reflectem as obras "Mea Culpa"; "Imagem & Movimento", "Palmas, por favor!..."; "Neste País...", "Agora não dá! 'Tou a Bumbar..." e "Os Quadros do Verso Vetusto".

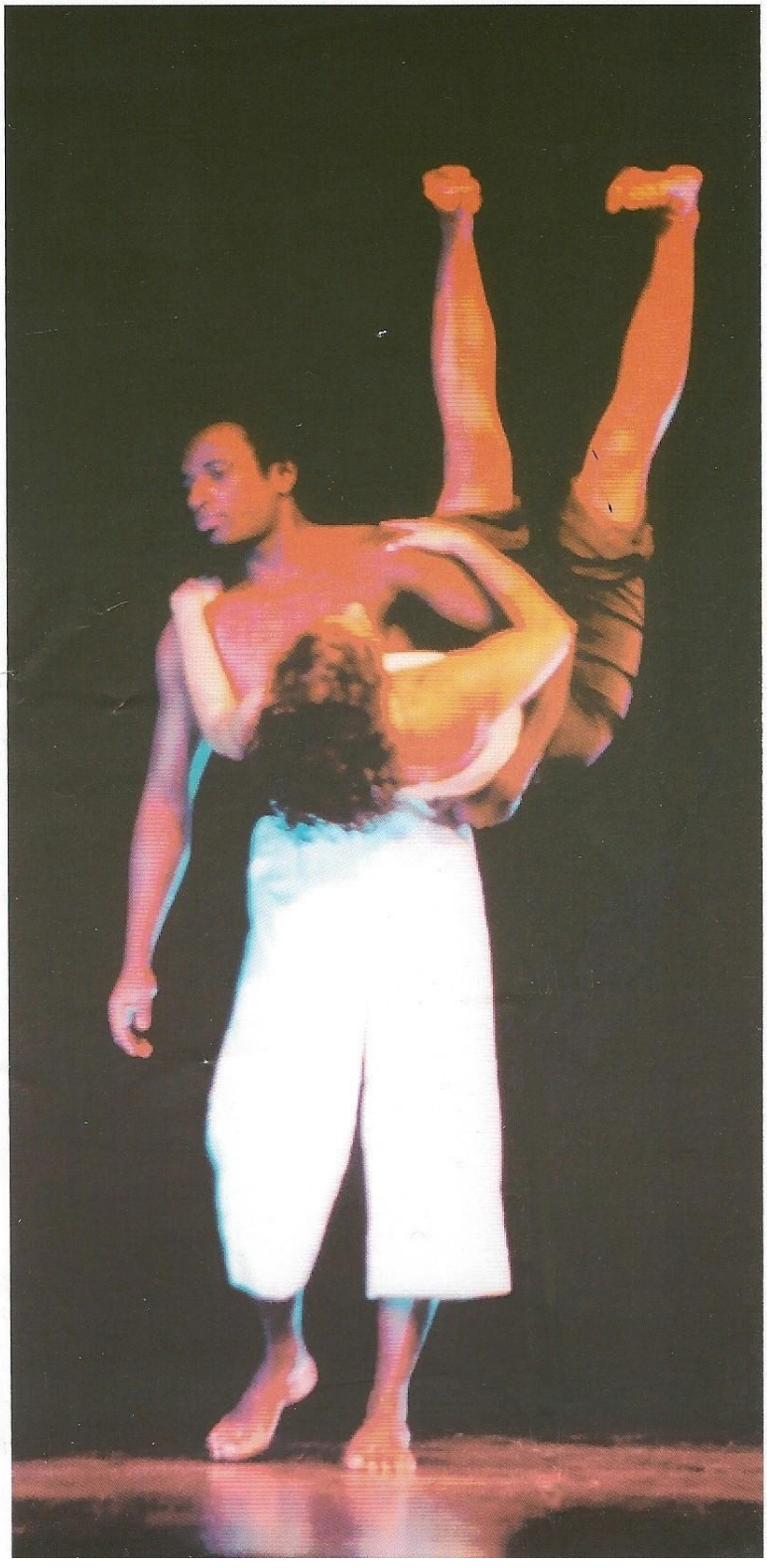
Fundada e dirigida desde o início pela bailarina e coreógrafa Ana Clara Guerra Marques que, acreditando na criação de uma dança contemporânea angolana a partir da sua herança cultural africana, efectua estudos de investigação e pesquisa em várias regiões de Angola, a CDC foi responsável pela ruptura estética e formal da dança angolana, com dezenas de espectáculos produzidos e obras originais criadas. Para além das apresentações em Angola, a CDC representou a dança contemporânea angolana em vários países africanos vizinhos, na Europa e na Ásia, tendo o seu trabalho sido apreciado e testemunhado por milhares de espectadores.

Dez anos após a sua paralisação dada a necessidade da sua directora artística ter de se ausentar do país para o prosseguimento dos seus estudos académicos em dança, a CDC regressa, em 2009, com a mesma vontade e determinação com que começou e venceu obstáculos passados, para recuperar um antigo projecto, agora com uma nova dinâmica e novas formas de suporte e de prolongamento da sua actividade. Com esta iniciativa, a CDC compromete-se a repor, com profissionalismo e conhecimento, a visão do que se entende académica e conceptualmente por dança contemporânea, através de uma proposta séria e baseada em profundo trabalho de investigação que visa o ressurgimento de uma verdadeira dança contemporânea angolana.

Porque a arte não existe apenas num âmbito de espectáculo, mas também noutras vertentes em que outros públicos a experimentam, a manipulam e criam produtos, sensações, descobrem vocações ou apenas desfrutam de momentos de prazer, o projecto da nova CDC integrará também uma OFICINA DE ARTES que fará uma ponte entre o ensino artístico, as artes e a comunidade, permitindo que esta se aproxime e ganhe com todas as possibilidades que o teatro, a dança, as artes plásticas e outras linguagens lhe proporcionam.

Divulgar, surpreender, ensinar, ajudar a imaginar, levar as artes à comunidade e educar o sentido estético do público, trazendo-o à apreciação e exploração das diversas vertentes artísticas, num espaço de criação identificado e orientado por profissionais ajudará, temos disso a certeza, à educação, à descoberta de si, à felicidade e ao incremento e elevação cultural da nossa sociedade.

Constituída por 11 elementos fixos e 4 colaboradores, a Companhia de Dança Contemporânea fará a sua reaparição com uma temporada de espectáculos a realizar no mês de Setembro de 2009.



Carlos Silva e Marlene Freitas, ***CDC - Tournée India (2004)***

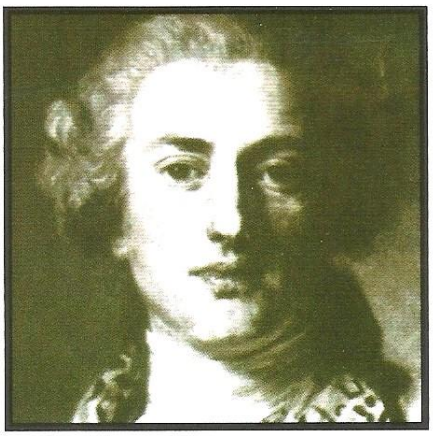
DIA MUNDIAL DA DANÇA

Assinalou-se, no passado dia 29 de Abril mais um "Dia Mundial da Dança" instituído pela UNESCO em homenagem a Jean-Georges Noverre (1727 – 1810), um homem contestatário, avançado para a sua época e por isso bastante incompreendido (e mesmo recusado), mas que foi sem dúvida o grande marco que determinou as transformações necessárias para a imposição da dança como forma artística.

A sua estreia como bailarino, faz-se nos espectáculos da Ópera Cómica em 1743 e, aos 22 anos monta o seu primeiro ballet intitulado "As festas chinesas".

Nascido em Paris, Noverre viaja bastante e trabalha em diversos países. Apesar de nenhuma das suas 150 obras ter chegado aos nossos dias podemos, sem receio, afirmar que ele foi o grande responsável pelo estatuto de género artístico independente e íntegro que a dança hoje possui.

Foi professor de grandes nomes da dança da época como Gaetano Vestris e director da Ópera de Paris. Em 1760 publica as suas célebres «Cartas sobre a dança e os ballets» onde expõe as suas reformas e ideias.



Jean-Georges Noverre (1727 – 1810)

Criador do chamado Ballet d'Action – e não do ballet moderno como, erradamente, se tem divulgado em Angola –, dota a obra coreográfica de uma expressão criadora, de um conteúdo (uma história, uma acção), libertando-o completamente da antiga concepção ligada à Ópera. Noverre advoga o espectáculo enquanto produto do trabalho conjunto do pintor, do professor de dança, do escritor, do coreógrafo e do bailarino.

Por outro lado defende, para o coreógrafo, uma formação o mais íntegra possível, já que este deveria possuir uma vasta cultura para um bom desempenho.

Nos seus escritos sobre a Dança, nota-se igualmente a sua preocupação com o vestuário de cena, defendendo a abolição de perucas, máscaras e vestes compridas e incómodas que limitavam os movimentos do bailarino.

Mas as suas reformas estendem-se também ao campo da técnica, onde estabelece os princípios fundamentais pelos quais se rege ainda hoje da dança clássica, tendo insistido na formação do bailarino e do professor, propondo disciplinas como a poesia, a história, a pintura e a geometria mas também a música e a anatomia, já que o conhecimento do corpo era fundamental.

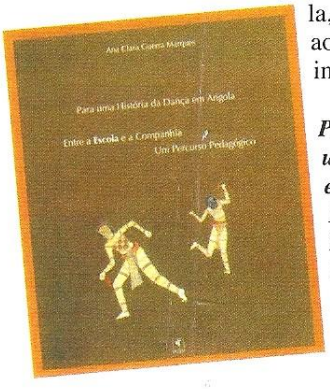
No ano de 1810, quando escrevia um dicionário de Ballet, morre em St. Germain-en-Laye, este homem, cujas reformas fizeram dele não só a figura mais importante da dança do século XVIII, como também uma das mais célebres da história da dança universal.

Ana Clara Guerra Marques

NOVIDADES EDITORIAIS

Nos meses de Dezembro de 2008 e de Janeiro de 2009 foi lançado em Luanda e em Lisboa, o livro **Para uma história da dança em Angola: um percurso pedagógico – entre a Escola e a Companhia**, da autoria da coreógrafa e investigadora angolana Ana Clara Guerra Marques.

Com prefácio de Ana Paula Tavares, o livro que constitui, depois da obra **A Companhia de Dança Contemporânea de Angola**, 2004, (com fotografias de Rui Tavares), a segunda contribuição da autora para uma historiografia da dança cénica em Angola, dá a conhecer o processo de estruturação do ensino académico desta disciplina em Angola, no período pós-independência, através da actividade da Escola de Dança e a sua relação de reciprocidade e prolongamento com a Companhia de Dança Contemporânea de Angola, no âmbito de uma acção pedagógica ao nível da formação profissional e da intervenção social.



Para uma história da dança em Angola: um percurso pedagógico – entre a Escola e a Companhia

190 pgs. 60 fotos cor e p/b. Editora: Mukixe Produções Lda. 2008.

Distribuição: Livraria Universitária – universitária.luanda@gmail.com

Disponível nas livrarias Chá de Caxinde, Nobel, Lello, Mensagem

No mês de Abril de 2009 foi lançado na cidade de Benguela o livro **Coreografia rural – Uma contribuição para o estudo sócio-cultural de Benguela**, da autoria do historiador Cristóvão Kajibanga.

Com prefácio de Ana Clara Guerra Marques, o livro é um valioso contributo para o estudo das danças patrimoniais angolanas. Debruçando-se essencialmente sobre os contextos de um conjunto de danças observadas e na sua génese, destaca-se, nesta obra, a caracterização etnocoreográfica das danças da região de Benguela, resultado de um processo de recolha e estudo muito particular, baseado num trabalho de equipa de grande eficiência protagonizado pelo grupo de dança benguelense "Bismas das Acácias", o qual faz a aprendizagem das danças locais junto das comunidades do interior. Participando, o autor (também director e fundador deste grupo) obtém e partilha dados que permitirão a estruturação teórica destas danças quer no domínio académico, quer em outros como a criação coreográfica.



Coreografia rural – Uma contribuição para o estudo sócio-cultural de Benguela.

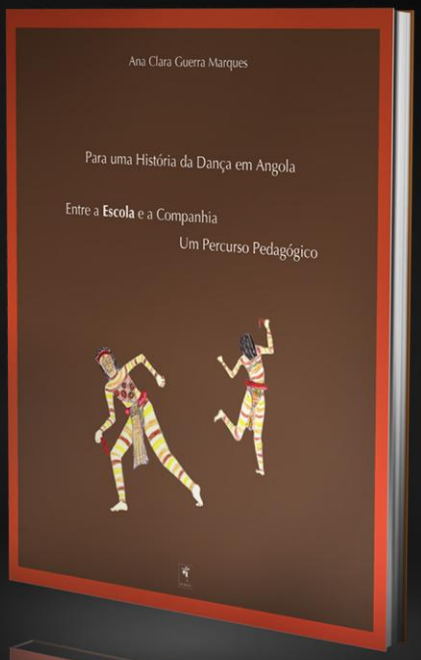
124 pgs. 29 fotos cor. Editora: KAT Empreendimentos e Consultoria Lda. 2009.

PUB

MUKIXE

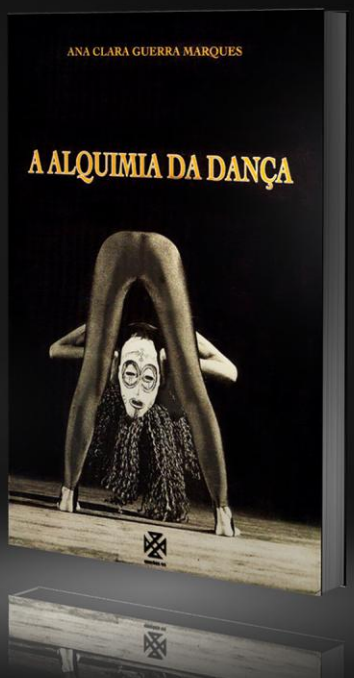


Considerado pela crítica como um contributo fundamental para uma historiografia da dança em Angola, este livro de Ana Clara Guerra Marques com fotografias de Rui Tavares ilustra a trajectória da primeira companhia profissional Angolana, inscrevendo a sua actividade nos planos da investigação, da intervenção social e da educação.



"Com este livro, Ana Clara oferece-nos uma parte da história da dança, num período particular da história de Angola. Sob o signo da inquietação, a história cumpre-se em torno de uma gramática do corpo em movimento, nomeando os sujeitos, conjugando os verbos e oferecendo os princípios. Os velhos provérbios ensinam a decifrar as frases novas. A História faz-se olhando em todas as direcções"

Ana Paula Tavares, Do Prefácio



"Sendo, ao que parece, a primeira obra do género publicada aqui, da mesma forma que a Clara abriu caminho aos caminhos da dança para muita gente com quem dançou e a quem ensinou, este livro poderá abrir outra picada para os que não se tendo iniciado pelos espectáculos dança, cheguem até à dança começando pela via da leitura"

Manuel Rui, Do Prefácio



Um documentário de Jorge António sobre a coreógrafa e bailarina Ana Clara Guerra Marques que, ao longo dos últimos 20 anos, introduziu novas estéticas e linguagens para a criação de uma dança contemporânea angolana.

O filme mostra-nos o seu trabalho artístico e pedagógico tendo como pano de fundo a recente história política e social de Angola.

Com a participação de Irène Tassembedo, Luandino Vieira, José Eduardo Agualusa, Jorge Gumbe e Manuel Rei Monteiro entre outros.

Legendado em francês e inglês, o DVD inclui: galeria de fotos, arquivo Televisão de Angola e fragmentos coreográficos.

Distribuído em Angola por:

LIVRARIA UNIVERSITÁRIA
Rua Kuamme N'Krumme, 3 - 1ºE, Luanda
universitaria.luanda@gmail.com

COMPANHIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA DE ANGOLA



COREOGRAFIA E DIRECÇÃO ARTÍSTICA

ANA CLARA GUERRA MARQUES

PEÇAS PARA UMA SOMBRA INICIADA E OUTROS RITUAIS MAIS OU MENOS

TEATRO NACIONAL CHÁ DE CAXINDE

SETEMBRO 18 19 24 25 26 às 20h
20 e 27 às 17h

PATROCINADORES:

BAI · TOYOTA · SONILS · ANGOLA · EXECUTIVE CENTER · 20 ANOS CHÁ DE CAXINDE · PUROMIX · DURAGRES · CONFEX · PROMETEUS · Jornal de Angola · Novo Jornal · radioVial